

As discussões aqui apresentadas parte da realização do projeto de pesquisa “Diálogos na compreensão dos discursos de professoras alfabetizadoras” (CNPq) desenvolvido no Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização- NEEJAA, na Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Tal projeto refere-se a um trabalho investigativo, caracterizado como qualitativo de cunho etnográfico, junto a professoras alfabetizadoras dos municípios de Rio Grande, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar, objetivando compreender os discursos das docentes sobre o chamado “fracasso escolar” em classes de alfabetização. A análise de dados segue orientações expressas pela Análise Textual Discursiva-ATD (MORAES & GALIAZZI). A análise dos dados foi construída tendo em vista, principalmente, os estudos de autores como Soares (2004) e Graff (1994) acerca do “mito do alfabetismo” e dos processos sociais ligados à alfabetização; e Arroyo (2000) no que se refere aos debates sobre o trabalho docente. Como resultado dos dados analisados, salienta-se o fato de que as professoras têm definido o “fracasso escolar” a partir de uma “multiplicidade de fatores” que se concentram principalmente na “família desestruturada” e na “metodologia de trabalho” utilizada para alfabetizar. Entra em questão, neste contexto, a compreensão do chamado “mito do alfabetismo”, referente à crença da alfabetização como elemento impulsionador do progresso tanto pessoal como social. Neste sentido, percebemos, nos discursos das professoras, que a “responsabilidade de alfabetizar” e, assim, contribuir para o desenvolvimento social e pessoal dos sujeitos envolvidos no processo, gera um discurso de “fabricação” de alunos alfabetizados como “produto” de seu trabalho, discurso este construído dentro dos paradigmas da sociedade capitalista. Quando o “produto” não é gerado, entram em cena discursos múltiplos que visam “explicar” a não aprendizagem da leitura e da escrita, recaindo “culpas” sobre a família, as crianças ou ainda o próprio método.